

A METÁFORA DA GUERRA NOS DISCURSOS DE LULA: UM ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS REFERENCIAIS E ARGUMENTATIVOS

Renata PALUMBO
Universidade de São Paulo
rpalumbo_07@ig.com.br

RESUMO: o propósito de nossa pesquisa consiste em estender os estudos sobre a metáfora, de um ponto de vista discursivo-cognitivo, para as perspectivas da Referenciação e da Argumentação. Observamos como a seleção de termos metafóricos associados a outras formulações linguísticas possibilita a construção discursivo-metafórica de realidades de maneira a constituir orientações argumentativas específicas, no campo da política internacional, particularmente em discursos do atual Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva no exterior.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora; processos referenciais; argumentação; discurso político; cognição.

ABSTRACT: the purpose of our research is to extend the metaphor studies, from a discursive-cognitive point of view, to the Referentiation and Argumentation perspectives. We examine how the selection of metaphorical terms associated with other linguistic formulations allows the metaphorical discursive construction of reality of way the to constitute specific argumentative orientations, in the international political domain, particularly in President of the Republic Luis Inácio Lula da Silva discourses in foreign countries.

KEYWORDS: metaphor; referential processes; argumentation; political discourse; cognition.

0. Considerações iniciais

A metáfora faz parte de qualquer língua humana e está presente em nosso dia-a-dia (Gibbs, 1999; Lakoff e Johnson, 1980, 1992, 1993, 2003; Sardinha, 2007, 2008; entre outros), na maneira como vemos, interpretamos e damos sentido ao mundo empírico – extralinguístico. O uso que fazemos dela tornou-se tão habitual que, por vezes, ela passa despercebida, apresentando-se como fato, com valor de verdade, de verossimilhança.

Sobre esse ponto, no campo da política, o uso de metáforas também é constante. No Brasil, em discursos sobre política, quantas vezes, ouvimos ou falamos que determinado discurso político *é cortina*

de fumaça, ou que certa situação *vai terminar em pizza*. Essas formulações metafóricas, que expressam a maneira como nossa sociedade apreende e interpreta uma dada realidade no quadro político, estão enraizadas de tal modo em nossa cultura que já faz parte de nossas vidas.

Esse fato faz com que os termos metafóricos sejam significativos para a argumentação, principalmente, se pensarmos em contextos em que o discurso alcança milhares de pessoas, como o político. Nesses casos, conhecer as metáforas que circulam em uma população ou em um específico grupo, como os principais valores imbricados nelas, torna-se essencial aos propósitos argumentativos de um político, ou de seu partido, pois a seleção de metáforas pode propiciar um terreno comum no âmbito cultural (Kövecses, 2005; Lakoff e Johnson, 1980, 1992, 1993, 2003) e, também, na perspectiva cognitiva (relações mentais), agir na orientação de novos olhares, novos conceitos, a partir de concepções já estabelecidas. E é nesse sentido – tentativa de direcionar conclusões – que a seleção de termos metafóricos pode estar a serviço da argumentação (Koch, 1996; Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1958, 2002).

Ainda em relação ao campo político, segundo Charteris-Black (2005), as seleções de metáforas são condizentes com a ideologia do orador. Nesse sentido, os discursos políticos são marcados pelo uso sistemático de metáforas que expressam posicionamentos ideológicos de maneira argumentativa, ou seja, com o intuito de convencer e de persuadir os interlocutores.

Sobre isso, de acordo com Sardinha (2007), o presidente da República Luis Inácio Lula da Silva seleciona de modo constante metáforas conceituais relacionadas à noção de conquista. Esse procedimento, ainda conforme o autor, vai ao encontro tanto da trajetória de vida de Lula (de metalúrgico a presidente da República) quanto de uma ideologia marxista de luta de classes.

Pelo o que expusemos a respeito da constante seleção de metáforas em nosso cotidiano, e em específico na esfera política, partimos do pressuposto de que a seleção e a interpretação de metáforas implicam participantes, sociocognitivamente, situados, ou seja, que (re) constroem visões de mundo, constantemente, conforme seus repertórios de experiências – individuais, coletivas e públicas – e seus papéis sociais assumidos no momento da enunciação; o que nos direciona a observar a metáfora no campo político de um ponto de vista discursivo-cognitivo.

Embora saibamos da existência de vários estudos a respeito da metáfora do ponto de vista cognitivo-argumentativo, no campo político, não há estudos que versam sobre o tema, relacionando-o à perspectiva

da Referenciação – que parte também de uma visão cognitiva da linguagem – focando, especificamente, os discursos políticos brasileiros que circulam na esfera política internacional. Nesse sentido, nosso objetivo consiste em estender a análise da metáfora à perspectiva da Referenciação e da Argumentação, observando como as metáforas associadas a outros elementos linguísticos e extralinguísticos possibilitam a construção discursivo-metafórica da realidade de modo a orientar argumentativamente específico auditório.

Para os propósitos apresentados, primeiramente, discutiremos alguns conceitos de metáfora a partir de estudos que versam sobre a argumentação, a Referenciação e a cognição. E, por fim, analisaremos o discurso proferido por Lula na abertura da 59ª Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), realizada em 21 de setembro de 2004, em Nova Iorque.

1. Metáfora e os estudos da argumentação

Na retórica aristotélica, a metáfora foi intitulada tropo (transporte) e considerada a figura por excelência. Para Aristóteles, ela correspondia à capacidade do orador de perceber semelhanças, sendo definida como a transferência da significação própria de uma palavra ou expressão para outro conteúdo semântico. Essa perspectiva de desvio de sentido perpassou séculos, estando presente na maioria dos estudos que versaram sobre o assunto.

Além disso, Aristóteles desenvolveu dois tratados: a Retórica e a Poética. No primeiro, o filósofo investigou as técnicas de argumentação, em que incluiu as figuras – vistas como recursos produtores de surpresa que colaboravam com os objetivos da argumentação: *docere* (instruir), *movere* (comover), *delectare* (agradar). Já na poética, o filósofo observou a poesia como imitação da realidade (mimese), estudou os gêneros poéticos (tragédia, epopeia) e examinou a elocução (*elocutio*¹) poética, em que as figuras também foram observadas; entretanto, com outro objetivo: o estético.

Por todos esses elementos, podemos afirmar que a metáfora era observada conforme a função social do texto, ou seja, correspondia a uma figura de retórica quando selecionada em um discurso cujo intuito era convencer e persuadir determinado auditório – contexto político

¹ Aristóteles apresentou cinco operações essenciais da arte retórica (técnica de argumentação): *inventio*, busca do assunto; *dispositio*, organização interna do discurso; *elocutio*, burilamento da maneira de dizer (seleção lexical, figuras de retórica etc); *actio*, gestos, imposição de voz, entre outros; *memoria*, recurso à memória, conteúdos mentais.

grego – e a um recurso estilístico, estético, quando utilizada, ou observada, em poemas – contexto poético.

De maneira geral, a metáfora, por ser considerada a figura mestra, tornou-se objeto de estudo há mais de 2000 anos, o que resultou numa vasta bibliografia sobre o assunto. Mas foi a partir do século XX que inúmeros pesquisadores – Bally (1951), Bousoño (1970), Black (1962), Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958, 2002), Ricouer (1975, 2005), Ullmann (1973), entre outros – dedicaram-se à observação da metáfora, ampliaram os conceitos aristotélicos, discutiram denominações e, muitos, enveredaram por caminhos diferentes.

Entre esses estudos, destacamos, neste trabalho, os de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958, 2002), por apresentarem uma visão argumentativa sobre o tema. De acordo com esses estudiosos é na “função da teoria argumentativa da analogia que o papel da metáfora ficará mais claro” (op. cit., p.453). Essa relação entre analogia e metáfora já era evidenciada na tradição dos filósofos, inclusive em Aristóteles, mas é na Nova Retórica que o conceito de analogia é aprofundado e a definição de metáfora é apresentada como sendo uma analogia condensada, ou seja, considera-se a união entre o “elemento do tema” com o “elemento do foro” (op. cit., p.543). Assim sendo, a metáfora pode ser construída a partir de uma analogia ou até antes mesmo por meio desta.

Na utilização da metáfora, se as conclusões são direcionadas através do foro e das características recortadas deste, o recorte será associado ao tema, facilitando ao auditório perceber, por exemplo, um referente textual da maneira como ele é apresentado pelo orador, resultando, assim, em efeitos argumentativos. Um exemplo disso é o *corpus* analisado, em que Lula seleciona características de um contexto de guerra e as apresenta em um contexto de miséria mundial, construindo discursivamente a situação mundial em termos de guerra.

Os autores também afirmam que uma metáfora pode se desgastar, tornando-se não mais uma relação entre termos, mas um vocábulo de uso comum. Porém, esse estado pode ser transitório, pois, dependendo da maneira como é utilizada, uma expressão metafórica volta a ser atuante e se apresenta novamente como metáfora².

Ainda é importante salientar que a relação entre domínios enunciada por meio da metáfora consiste num caráter vivo e variado que se encontra no campo da interação entre falantes. Desse modo, a metáfora também pode ser considerada como uma escolha do falante de acordo com suas intenções e posições assumidas. A seleção de um

² Em relação à metáfora viva, outros estudiosos já se referiram à questão (Bally, 1951; Lakoff e Johnson, 1980; entre outros), desde a perspectiva da palavra às do discurso e da cognição.

termo metafórico pode colaborar, juntamente com outras formulações linguísticas e com os conhecimentos partilhados entre falantes, no processo de construção do referente textual e, consecutivamente, direcionar o auditório a certas conclusões; ou seja, a metáfora ganha força argumentativa no contexto - tido aqui em seu sentido amplo, linguístico, situacional, cognitivo - pois leva à presença do interlocutor certas associações, ancoragens; em outras palavras, instaura-se um "laço" entre os termos introduzidos ou retomados, os conhecimentos linguísticos e os de mundo compartilhados.

Por conta desses fatores mencionados - conhecimentos enciclopédico e linguístico - e também dos repertórios sociais e ideológicos que influenciam na compreensão e na produção textual, torna-se significativo considerarmos alguns estudos que versaram sobre a metáfora numa visão cognitiva.

2. Metáfora e cognição

Lakoff e Johnson (1980, 1992, 1993, 2003) afirmam que as pessoas percebem a realidade empírica cotidiana e se relacionam umas com as outras de maneira metafórica. Em outras palavras, de acordo com esses teóricos, é devido ao nosso sistema conceptual que podemos nos relacionar com o mundo e com as situações diárias. Esse sistema é, em sua maioria, metafórico por natureza, ou seja, segundo os autores, as metáforas estruturam a maneira como percebemos, pensamos e agimos.

Dessa maneira, a metáfora, embora evidente na língua, está presente além das palavras, em nossa percepção de mundo e, assim, está imbricada em nosso processo de interpretação³. Nas palavras dos estudiosos: "O conceito é estruturado metaforicamente, a atividade é estruturada metaforicamente e, conseqüentemente, a linguagem é estruturada metaforicamente" (Lakoff e Johnson, 2003:5).

Ressaltamos que a denominação metáfora, na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), refere-se ao cruzamento entre domínios distintos advindos da experiência humana e da natureza de nossos corpos físicos. Já em relação à realização linguística desses domínios, o termo utilizado consiste em expressão metafórica.

Nessa perspectiva, metáforas surgem por meio do processo de compreensão e de legitimação - linguística, social e cognitiva - de um domínio de natureza abstrata (por exemplo, "tempo" e "amor") a partir de experiências concretas já legitimadas socialmente, como guerra, dinheiro etc. Em outras palavras, o sujeito, como integrante de um

³ Essa perspectiva, associada aos estudos sobre argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca, evidencia o papel da metáfora como recurso que colabora para os objetivos da argumentação (já apontados no subitem 1), principalmente o de instruir.

grupo, ou de uma sociedade, em contato com mundo, compreende um determinado conceito por meio de um outro já estabelecido, interpretando a realidade conforme fatores culturais, históricos e ideológicos. Essas conceituações são organizadas metaforicamente (associação de domínios), e seus traços estão presentes no linguajar cotidiano; entretanto, por vezes, não são percebidos pelos falantes.

Os estudiosos também afirmam que a estrutura metafórica dos pensamentos, das ações e da linguagem de uma sociedade é coerente com seus principais valores, principalmente em relação às metáforas de espacialização. Isso se deve ao fato de, em uma cultura, haver determinadas visões de mundo de tal maneira enraizadas que são refletidas nos discursos que circulam socialmente, como "O futuro será melhor"⁴, em que se apresenta o conceito de progresso (presente vs. futuro).

As metáforas ontológicas, por sua vez, ocorrem quando domínios abstratos são apresentados como entidades concretas, ou seja, com limites. Nesses casos, a personificação – entidades não humanas que, no discurso, são apresentadas como pessoas – corresponde a um tipo de metáfora.

Os autores ainda apresentam vários conceitos de metáforas estruturais que são refletidos na atividade discursiva: "Teorias (e argumentos) são construções", "Idéia é dinheiro", "Discussão é guerra"⁵ etc. Em relação ao último, os estudiosos afirmam que os sujeitos não apenas falam sobre discussão em termos de guerra, mas também agem conforme esse ponto de vista, ou seja, vêem aqueles que contra-argumentam como oponentes, sentem-se, por vezes, vencedores ou derrotados, e fazem planos, estratégias.

Além das metáforas convencionais, ou seja, aquelas que estruturam o sistema conceptual ordinário de nossa cultura, Lakoff e Johnson (1980, 1992, 1993, 2003) discutem a respeito daquelas que apresentam uma nova informação⁶, um novo olhar sobre certa realidade empírica. De acordo com os autores, os sujeitos podem criar termos metafóricos capazes de direcionar sentidos até então não previstos e, consecutivamente, orientar novas crenças e ações. Sobre esse ponto, podemos estender o que foi exposto à perspectiva da argumentação, pois o direcionamento de olhares consiste em um elemento significativo para o alcance da adesão desejada, o que nos permite afirmar, mais uma vez, que a metáfora cumpre papel importante para o encaminhamento argumentativo.

⁴ Tradução Nossa: The future will be better.

⁵ Tradução Nossa: ⁵ Theories (and arguments) are buildings; Idea is money, Argument is war.

⁶ Como já apontado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958), numa perspectiva argumentativa.

Ainda em relação às metáforas novas, elas, geralmente, são filiadas a uma metáfora conceptual, o que Lakoff e Johnson (op. cit.) denominaram “desdobramentos” (ou mapeamentos discursivos). Como as convencionais, as metáforas novas, ou criativas, também apresentam coerência em relação a uma cultura, ou seja, estão imbricados nessas novas representações, ou novos recortes, valores já enraizados culturalmente a respeito de certos tópicos.

Ressaltamos que a interpretação de uma metáfora nova dependerá dos conhecimentos partilhados entre os falantes, pois a formulação metafórica ora pode passar despercebida, ora pode ser reconhecida e, assim, apresentar uma nova informação. Dessa maneira, torna-se essencial que o escritor ou falante conheça e se adapte ao auditório em questão.

Além de Lakoff e Johnson (1980, 1992, 1993, 2003), outros estudiosos da contemporaneidade dedicaram-se aos estudos da metáfora, tendo em vista uma perspectiva cognitiva e, também, discursiva, ou seja, não observaram os termos metafóricos como figuras, mas como recursos utilizados estrategicamente em diversos contextos de uso. Entre eles, Cameron (2003) afirma que, tendo em vista a língua em uso, a metáfora deve ser observada de maneira contextualizada, ou seja, deve-se levar em conta *fatores físicos* (características do lugar em que o discurso é produzido), *sociais* (relações entre os participantes, objetivo do encontro), *interacionais* (relações entre os processos de interação), *linguísticos* (uso da língua, seleções) e *conceptuais* (pontos de vista, conhecimentos prévios). A autora ressalta que o analista deve conhecer esses elementos contextuais devido ao fato de os mesmos fornecerem subsídios para o reconhecimento, a interpretação e a análise da metáfora.

3. Metáfora e Referenciação

Anteriormente, vimos que a seleção de formulações metafóricas enquadra-se em uma dimensão sociocognitiva (Gibbs, 1999; Lakoff e Johnson, 1980, 1992, 1993, 2003), em que os falantes entram em contato com o extramental e, conforme a situação de uso (Cameron, 2003) e o repertório de experiências individuais e coletivas, apreendem-no, interpretam-no, constroem-no metafóricamente e discursivamente. Discutimos também que a metáfora pode ser um recurso linguístico utilizado estrategicamente na tentativa de modificar contextos (imagens mentais) e, consecutivamente, de convencer e de persuadir um determinado auditório.

Dessa maneira, se damos sentido ao mundo e agimos sobre ele discursivamente, e se essa atividade linguística estrutura-se, em sua maioria, metaforicamente, em situações interacionais – contato com o

mundo, com os outros e com si próprio – podemos afirmar que a língua, manifestada em discurso, não é transparente, mas sim que ela possibilita a construção discursivo-metafórica da realidade.

O mundo empírico – situações, pessoas, fatos, objetos etc – é mencionado no discurso porque o percebemos e, assim, interpretamos e agimos sobre ele. Em outras palavras, é por meio de um complexo sistema, que envolve língua, pensamento e mundo, que os sujeitos, condicionados pela sua própria percepção, dão sentidos aos elementos extralinguísticos.

Essa perspectiva enquadra-se nos recentes estudos sobre a Referenciação (Apothéloz, 2003; Marcuschi e Koch, 1988; Mondada, 2001, 2002, 2005a, 2005b; Mondada e Dubois, 2003; entre outros), que vêm apresentando uma nova concepção sobre língua e mundo. Nesse quadro, os referentes, tidos como imagens mentais, são fabricados pela dimensão perceptivo-cognitiva dos interactantes na prática social, e a língua possibilita a construção intersubjetiva de categorias avaliativas, que se modificam durante determinadas interações.

Assim, o referente textual não pode ser entendido como a própria realidade exterior e, nesse sentido, importa indicar a noção de referente conforme Mondada e Dubois (2003). Essas autoras denominam objetos de discurso⁷, em oposição a objetos de mundo, os elementos do mundo empírico mencionados no discurso.

Nessa perspectiva, os objetos de discurso são dinâmicos, ou seja, uma vez ativados (remissão), podem ser reativados (retomada) e, assim, (re)categorizados ou modificados. Essa progressão referencial, juntamente com a progressão tópica⁸, possibilita a progressão textual, ou seja, esta se torna possível pela oscilação de vários elementos os quais têm como base: o que já foi dito (anáfora), o que será dito (catáfora) e o que é sugerido (fusões, alusões etc.). A isso, Koch (2006) denominou “co-determinação progressiva”.

Ao dedicar-se aos estudos da progressão referencial, Koch (2005, 2006) destaca as expressões nominais, definidas e indefinidas, como significativas estratégias de referenciação com alto teor argumentativo, ao lado das pronominalizações. São denominadas expressões nominais definidas aquelas formulações linguísticas constituídas por, pelo menos, um determinante definido ou demonstrativo, antecedendo um nome. Já as expressões indefinidas precedem artigos indefinidos ao nome. Destacamos que ambas as expressões podem aparecer como: descrições, nominalizações, encapsulamentos e rotulações

⁷ Terminologia utilizada em nosso trabalho.

⁸ Assuntos abordados durante a atividade discursiva.

metadiscursivas, sendo que, por vezes, apresentam-se por meio de termos metafóricos.

Em descrições, o falante seleciona determinadas propriedades de um referente textual que ele julga importante ressaltar, de acordo com o seu projeto de dizer. Assim, a utilização de descrições tanto pode revelar opiniões, crenças e ações do sujeito falante, quanto pode presentificar características do referente textual julgadas desconhecidas pelo interlocutor, isto é, a descrição aponta para certos traços do objeto de discurso, resultando em um recurso linguístico que colabora para a argumentação ou, mais especificamente, para o processo de orientação argumentativa.

Em relação ao encapsulamento, Koch (2005) afirma que há dois tipos. Aqueles que rotulam um segmento do enunciado, transformando-o em objeto-de-discurso e possibilitando a progressão textual, e aqueles que "realizam operações de nominalizações, por meio de nomes deverbais ou não" (2005:39).

Já o rótulo metadiscursivo pode ser um recurso que o produtor do enunciado utiliza-se para avaliar ou para mostrar aproximação ou distanciamento em relação ao discurso rotulado. Isso se deve ao fato de a escolha da expressão metadiscursiva ser indicativa da opinião do enunciador, tanto sobre o procedimento linguístico rotulado, quanto a respeito do próprio produtor desse enunciado e suas respectivas atitudes (sociais, linguísticas etc).

4. Análise do *corpus*

Analisamos alguns segmentos do discurso de Lula na ONU, em 2004, observando o papel da metáfora nos processos referenciais e na argumentação. Para tanto, examinamos as expressões referenciais (não)metafóricas presentes no discurso, juntamente com outras formulações linguísticas, quando necessário, e, consecutivamente, observamos a construção de sentido efetivada no todo do enunciado.

Observemos parte do início do discurso do Presidente, atentando-nos à parte destacada:

(1)

Pela segunda vez, dirijo-me a esta assembléia universal para trazer **a palavra do Brasil**. Carrego um compromisso de vida com **os silenciados pela desigualdade, a fome e a desesperança**.

Em (1), podemos constatar que os objetos de discurso selecionados "a palavra do Brasil" e "os silenciados pela desigualdade, a fome e a desesperança" já revelam os papéis assumidos, no e pelo discurso, por Lula: representante dos brasileiros no exterior e defensor

das pessoas as quais vivem em situação de miséria e não podem se pronunciar.

Em relação a esse procedimento linguístico do Presidente da República, interessa-nos retomar os estudos de Lakoff e Johnson (1980, 1992, 1993, 2003) que afirmam que a seleção de metáforas pode indicar os valores assumidos pelo enunciador, ou seja, revela como ele compreende dada realidade empírica conforme a maneira de se referir a ela discursivo-metaforicamente. Dessa maneira, no exórdio desse *corpus*, já há pistas dos valores que serão defendidos pelo Presidente, mais especificamente, aqueles expostos nas declarações dos direitos humanos.

Sobre esse último ponto, na segunda seleção, que se trata de uma metáfora (*desigualdade, fome e desesperança são pessoas que agem sobre outras pessoas de maneira a silenciá-las, ou melhor, deixá-las sem direito à atitude perante uma situação*), observamos uma crítica de Lula àqueles cujas condutas não estão de acordo com os direitos humanos, entre eles, ressaltamos segmentos dos artigos 1, 2 e 25 da carta:

1. Todo os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com *espírito de fraternidade*. (grifos nossos)
2. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e *as liberdades* estabelecidos nesta Declaração, *sem distinção de qualquer espécie*, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição [...] (grifos nossos)
25. *Todo ser humano tem direito* a um padrão de vida capaz de assegurar-lhe, e a sua família, saúde e bem-estar, inclusive *alimentação, vestuário, habitação* [...] (grifos nossos)

Essa posição do Presidente da República é mantida e reforçada posteriormente:

(2)

A eles, nas palavras tremendas de Franz Fanon, o passado colonial destinou **uma herança comum: 'Se queres, aí a tens: a liberdade para morrer de fome'**.

Nesse segmento, as palavras de Franz Fanon são rotuladas como "uma herança comum". Esse rótulo metadiscursivo é indicativo do ponto de vista do orador: "os silenciados pela desigualdade, a fome e a desesperança", têm destino certo dado por aqueles que, na história, detiveram o poder econômico: o de morrer de fome.

Ainda, ao retomarmos os segmentos (1) e (2), observamos que as seleções – que remetem às declarações dos direitos humanos – são indicativas de uma estratégia argumentativa, principalmente, se pensarmos no auditório em questão (ONU), cuja função é de assegurar a paz mundial, promover melhores padrões de vida e direitos humanos. Ocorre, então, uma adaptação do discurso ao público. Fato que colabora com os propósitos argumentativos do orador; estratégia já apontada por Aristóteles e, recentemente, por Perelman e Olbrechts-Tyteca como significativa para a argumentação (1958, 2002).

Nesse sentido, logo no início do discurso do Presidente, há indícios de um encaminhamento argumentativo que defenderá a necessidade de ação por parte da ONU para mudar o quadro de pobreza no mundo. Ações enfatizadas, posteriormente, em vários segmentos do discurso, como:

Linhas	Expressões linguísticas que indicam as ações propostas pelo orador
59	Lutar pela paz
61	Deter a barbárie
63-64	Eliminar a violência
65	Enfrentar os agentes do ódio
125	Ação internacional contra a fome e a pobreza
128	Lutar contra a pobreza no mundo
150	Estratégias que combinem solidariedade e firmeza

Quadro 01. Segmentos que apontam a necessidade de agir como em um guerra.

Observamos, nesses segmentos, que os verbos selecionados – deter, lutar, eliminar, enfrentar – como outras formulações (ação internacional contra) indicam a há necessidade de agir como em uma guerra, em que há inimigos, por exemplo: a barbárie, a violência, os agentes do ódio, a pobreza, a fome, a desigualdade. Como já vimos, as vítimas da guerra são “os silenciados pela desigualdade, a fome e a desesperança”, aqueles que já têm um destino traçado: a morte.

Nesse sentido, detectamos outras expressões que são indicativas da metáfora da guerra em questão:

Linhas	Expressões referenciais metafóricas que indicam agentes
40	O legado devastador de miséria e regressão social que explode na agenda do século 21.
48	A falta de saneamento básico matou mais crianças na década passada do que todos os conflitos armados desde a Segunda Guerra.
51	O ódio e a insensatez que se alastram pelo mundo nutrem-se dessa desesperança , da absoluta falta de horizontes para grande parte dos povos.

Quadro 02. Segmentos que apontam a construção de mundo em guerra.

Ressaltamos que o presidente da República, ao selecionar as formulações linguísticas indicadas no quadro anterior (01), faz de modo a personificar entidades não-humanas. A partir disso, elementos abstratos, que, por vezes, são tidos como tópicos, tornam-se, no e pelo discurso, referentes textuais que colaboram para os propósitos argumentativos do orador, já que são apresentados como dados que fortalecem a tese proposta.

Além disso, Lula enfatiza a ideia de que há “comandantes”, ou seja, agentes responsáveis pela situação atual de um mundo em que há a fome que mata e o aprisionamento dos menos favorecidos. Sobre esse ponto, é possível observar a construção de um mundo dividido em dois pólos, por meio de algumas seleções referenciais:

Linhas	Expressões referenciais (não)metafóricas que indicam um mundo dividido em dois pólos
26	O país mais rico e o mais pobre
29-30	Os antigos súditos ... devedores perpétuos do sistema econômico internacional
34	Engrenagem invisível
35-37	Ela (engrenagem invisível) revoga decisões democráticas, desidrata a soberania dos Estados, sobrepõe-se a governos eleitos, e exige a renúncia a legítimos projetos de desenvolvimento nacional.
38	O mundo da escassez e o mundo do privilégio
39	A globalização assimétrica e excludente

Quadro 03. Expressões referenciais que constroem um mundo dividido.

Novamente, podemos examinar o posicionamento ideológico do presidente, quando, especificamente, ele constrói um mundo polarizado – o dos pobres e o dos ricos – de maneira a enfatizar que os responsáveis pela desigualdade social, os que devem aos mais pobres, correspondem aos “privilegiados”, “aqueles que sucederam ao domínio colonial”, os quais, atualmente, fazem parte do Conselho de Segurança da ONU (o auditório em questão). Já o presidente fala na posição dos silenciados, do mundo da escassez, dos mais pobres etc.

A respeito disso, lembremos a afirmação de Charteris-Black (2005) sobre o fato de as seleções metafóricas serem condizentes com a ideologia do orador. Como também, torna-se significativo retomar os estudos de Sardinha (2007) que apontam a recorrência de metáforas conceptuais relacionadas à noção de conquista, selecionadas pelo presidente, que vão ao encontro de uma ideologia marxista de luta de classes.

Em relação às expressões nominais apresentadas de maneira metafórica e não-metafórica, indicamos anteriormente, nos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958, 2002), que a seleção de um termo metafórico associado a outras formulações linguísticas e aos conhecimentos partilhados entre falantes – lembremos dos principais objetivos da ONU que consistem em garantir os direitos humanos, preservar a paz etc – pode colaborar no processo de construção de objetos de discurso e, consecutivamente, direcionar o auditório a certas conclusões. Dessa maneira, é possível observar que o Presidente apresenta alguns objetos de discurso, metaforicamente, de modo a constituir, na rede referencial do texto, uma imagem da situação atual do mundo em termos de guerra. Isso ocorre, como já mencionamos, pela apresentação de algumas metáforas ontológicas, de personificação (1980, 1992): “o legado devastador explode”, “a falta de saneamento matou”, “o ódio e a insensatez que se alastram pelo mundo nutrem-se dessa desesperança”, “enfrentar os agentes do ódio”, “a fome, a desigualdade e a desesperança silenciam” etc.

Assim, selecionar específicas características de alguns objetos de discurso e levá-las à presença do auditório de modo a apontar um quadro de guerra e a despertar uma realidade que vai de encontro aos propósitos e aos valores assumidos pela ONU foram as ações examinadas no discurso do Presidente; tudo indica, mais uma vez, que esse procedimento linguístico consiste em uma tentativa de orientar o olhar do auditório para a necessidade de uma atitude política por parte, principalmente, dos representantes da ONU, para mudar a situação de fome e de pobreza no mundo, pois, como discutimos anteriormente, tanto a metáfora quanto o próprio processo de referenciação podem ser selecionados como estratégias argumentativas, já que consistem em tentativas de modificar contextos (imagens mentais) e, consecutivamente, de levar à ação.

Julgamos significativo salientar que a construção discursivo-metafórica da realidade apresentada no discurso de Lula é constituída no cotexto e efetivada no momento da enunciação, ao ser transpassada pelos fatores físicos, interacionais, conceptuais e sociais do encontro (Cameron, 2003). Os termos que remetem ao contexto de uma guerra, selecionados e associados ao de pobreza, possibilitam a ativação de lembranças, de sensações vivenciadas por mundo que já passou, e

ainda passa, por situações de conflitos armados e por suas consequências negativas que podem desestruturar desde países pobres a grandes potências. Dessa maneira, podemos afirmar que o procedimento linguístico em questão trata-se de uma metáfora nova, uma nova maneira de olhar dada realidade que privilegia os valores já enraizados na cultura dos participantes. Mais um fato que colabora para a argumentação do discurso.

Além do que expusemos, ressaltamos que quando o Presidente apresenta a SITUAÇÃO MUNDIAL É GUERRA, podemos afirmar que além de falar sobre essa realidade empírica em termos de guerra, Lula também aponta a necessidade de agir como em uma guerra, indicando *os oponentes* (os países ricos), apontando *os alvos* (deter a barbárie, eliminar a violência, enfrentar os agentes do ódio, lutar contra a pobreza no mundo), apresentando *estratégias* (ação internacional contra a fome e a pobreza, estratégias que combinem solidariedade e firmeza etc) e indicando o propósito (um mundo de igualdade social que é um mundo de paz).

5. Considerações finais

Os resultados permitem observar que a organização do discurso do Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva, na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), apresenta uma construção discursivo-metafórica avaliativa da situação mundial (um quadro de guerra) na tentativa de apontar a necessidade de ações por parte dos representantes dos países-membro da ONU para diminuir a desigualdade social. Conforme esse procedimento de Lula, é possível afirmar que a construção discursivo-metafórica da realidade (empírica) pode consistir em estratégia argumentativa no campo da política.

ANEXO

- Senhoras e senhores,
Chefes de Estado e de governo,
Senhor Jean Ping, Presidente da 59ª Assembléia-Geral da Organização das Nações Unidas,
- 5 Senhor Kofi Annan, secretário-geral das Nações Unidas,
Senhoras e senhores,
Saúdo, na pessoa do chanceler Jean Ping, os representantes de todos os povos aqui reunidos,
Cumprimento fraternalmente o secretário-geral Kofi Annan, que tem
- 10 conduzido as Nações Unidas com sabedoria e abnegação,
Senhoras e senhores,

- Pela segunda vez, dirijo-me a esta assembléia universal para trazer a palavra do Brasil. Carrego um compromisso de vida com os silenciados pela desigualdade, a fome e a desesperança.
- 15 A eles, nas palavras tremendas de Franz Fanon, o passado colonial destinou uma herança comum: 'Se queres, aí a tens: a liberdade para morrer de fome'.
Hoje somos 191 Estados-nação. No passado, 125 deles foram submetidos ao jugo de umas poucas potências que originalmente ocupavam menos
- 20 de 2% do globo. O fim do colonialismo afirmou, na esfera política, o direito dos povos à autodeterminação.
Esta Assembléia é o signo mais alto de uma ordem fundada na independência das nações. A transformação política, contudo, não se completou no plano econômico e social. E a história demonstra que isso
- 25 não ocorrerá espontaneamente.
Em 1820, a diferença de renda per capita entre o país mais rico e o mais pobre do planeta era inferior a cinco vezes. Hoje, essa diferença é de 80 vezes.
Os antigos súditos converteram-se em devedores perpétuos do sistema
- 30 econômico internacional.
Barreiras protecionistas e outros obstáculos ao equilíbrio comercial, agravados pela concentração dos investimentos do conhecimento e da tecnologia, sucederam ao domínio colonial.
Poderosa e onipresente, uma engrenagem invisível comanda à distância o
- 35 novo sistema. Não raro, ela revoga decisões democráticas, desidrata a soberania dos Estados, sobrepõe-se a governos eleitos, e exige a renúncia a legítimos projetos de desenvolvimento nacional. Manteve-se a lógica que drena o mundo da escassez para irrigar o do privilégio.
Nas últimas décadas, a globalização assimétrica e excludente aprofundou
- 40 o legado devastador de miséria e regressão social, que explode na agenda do século 21. Hoje, em 54 países a renda per capita está mais baixa do que há dez anos. Em 34 países, a expectativa de vida diminuiu. Em 14, mais crianças morrem de fome.
Na África, onde o colonialismo resistiu até o crepúsculo do século 20, 200
- 45 milhões de seres humanos estão enredados num cotidiano de fome, doença e desamparo, ao qual o mundo se acostuma, anestesiado pela rotina do sofrimento alheio e longínquo.
A falta de saneamento básico matou mais crianças na década passada do que todos os conflitos armados desde a Segunda Guerra.
- 50 Da crueldade não nasce o amor. Da fome e da pobreza jamais nascerá a paz. O ódio e a insensatez que se alastram pelo mundo nutrem-se dessa desesperança, da absoluta falta de horizontes para grande parte dos povos.
Apenas neste ano, mais de 1.700 pessoas já morreram vítimas de
- 55 ataques terroristas ao redor do mundo; em Madri, Bagdá, Jacarta.
Tragédias que vêm somar-se a tantas outras, na Índia, no Oriente Médio, nos Estados Unidos, e, recentemente, ao sacrifício bárbaro das crianças de Beslan.
A Humanidade está perdendo a luta pela paz.

- 60 Só os valores do Humanismo, praticados com lucidez e determinação, podem deter a barbárie. A situação exige, dos povos e dos seus líderes, um novo senso de responsabilidade individual e coletiva. Se queremos a paz, devemos construí-la. Se queremos de fato eliminar a violência, é preciso remover suas causas profundas com a mesma
- 65 tenacidade com que enfrentamos os agentes do ódio. O caminho da paz duradoura passa, necessariamente, por uma nova ordem internacional, que garanta oportunidades reais de progresso econômico e social para todos os países. Exige, por isso mesmo, a reforma do modelo de desenvolvimento global e
- 70 a existência de instituições internacionais efetivamente democráticas, baseadas no multilateralismo, no reconhecimento dos direitos e aspirações de todos os povos. Mais do que quaisquer estatísticas sobre a desigualdade social, o que deve interpelar nossas consciências é o olhar torturado dos que hoje
- 75 estão do lado de fora da vida. São olhos que vigiam em nós o futuro da esperança. Não há mais destino isolado, nem conflito que não irradie uma dimensão global. Por mais que nos apontem o céu entre as grades, é preciso não confundir a gaiola de ferro com a liberdade.
- 80 Temos conhecimento científico e escala produtiva para equacionar os desafios econômicos e sociais do planeta. Hoje, é possível reconciliar natureza e progresso por meio de um desenvolvimento ético e ambientalmente sustentável. A natureza não é um museu de relíquias intocáveis. Mas, definitivamente,
- 90 ela não pode mais ser degradada pela espoliação humana e ambiental, na busca da riqueza a qualquer custo. Minhas senhoras e meus senhores, Mede-se uma geração não só pelo que fez, mas também pelo que deixou de fazer. Se os recursos disponíveis são fantasticamente superiores às
- 95 nossas necessidades, como explicar às gerações futuras por que fizemos tão pouco, quando tanto nos era permitido? Uma civilização omissa está condenada a murchar como um corpo sem alma. As exortações do grande artífice do 'New Deal', Franklin Roosevelt, ecoam com atualidade inescapável: 'O que mais se necessita hoje é de
- 100 audácia na experimentação'. 'O que mais se deve temer é o próprio medo'. Não se trata da audácia do instinto. Mas da coragem política. Sem voluntarismo irresponsável, mas com ousadia e capacidade de reformar. O que distingue civilização de barbárie é a arquitetura política que
- 105 promove a mudança pacífica e faz avançar a economia e a vida social pelo consenso democrático. Se fracassarmos contra a pobreza e a fome, o que mais poderá nos unir? Minhas senhoras e meus senhores, Creio que é o momento de dizer com toda a clareza que a retomada do
- 110 desenvolvimento justo e sustentável requer uma mudança importante nos fluxos de financiamento dos organismos multilaterais.

- Estes organismos foram criados para encontrar soluções, mas, às vezes, por excessiva rigidez, tornam-se parte do problema.
Trata-se de ajustar-lhes o foco para o desenvolvimento, resgatando seu
- 115 objetivo natural.
O FMI deve credenciar-se para fornecer o aval e a liquidez necessários a investimentos produtivos, especialmente em infra-estrutura, saneamento e habitação, que permitirão, inclusive, recuperar a capacidade de pagamento das nações mais pobres.
- 120 Meus senhores e minhas senhoras,
A política externa brasileira, em todas as suas frentes, busca somar esforços com outras nações em iniciativas que nos levem a um mundo de justiça e paz.
Tivemos, ontem, uma reunião histórica com mais de 60 líderes mundiais,
- 125 para dar um novo impulso à ação internacional contra a fome e a pobreza.
Acredito firmemente que o processo desencadeado ontem elevará o patamar da luta contra a pobreza no mundo. Na medida em que avançarmos nessa nova aliança, teremos melhores condições de cumprir
- 130 as Metas do Milênio, sobretudo a erradicação da fome.
Foi com esse espírito que África do Sul, Índia e Brasil estabeleceram, no ano passado, o fundo de solidariedade - Ibas. Nosso primeiro projeto, em Guiné-Bissau, será lançado amanhã.
Também priorizamos o tema do HIV-Aids, que tem perversa relação com
- 135 a fome e a pobreza. Nosso programa de Cooperação Internacional no combate ao HIV-Aids já opera em seis países em desenvolvimento e brevemente chegará a mais três.
Minhas senhoras e meus senhores,
Constato, com preocupação, que persistem graves problemas de
- 140 segurança, pondo em risco a estabilidade mundial.
Não se vislumbra, por exemplo, melhora na situação crítica do Oriente Médio. Neste, como em outros conflitos, a comunidade internacional não pode aceitar que a violência proveniente do Estado, ou de quaisquer
- 145 grupos, se sobreponha ao diálogo democrático. O povo palestino ainda está longe de alcançar a autodeterminação a que tem direito.
Sabemos que as causas da insegurança são complexas. O necessário combate ao terrorismo não pode ser concebido apenas em termos militares.
- 150 Precisamos desenvolver estratégias que combinem solidariedade e firmeza, mas com estrito respeito ao Direito Internacional.
Foi assim que atendemos, o Brasil e outros países da América Latina, à convocação da ONU para contribuir na estabilização do Haiti. Quem defende novos paradigmas nas relações internacionais, não poderia se
- 155 omitir diante de uma situação concreta.
Promover o desenvolvimento com equidade é crucial para eliminar as causas da instabilidade secular daquele país. Em nossa região, apesar dos conhecidos problemas econômicos e sociais, predomina uma cultura de paz. Vivemos um período de amadurecimento democrático, com uma
- 160 vibrante sociedade civil.

- Estamos aprendendo que o desenvolvimento e a justiça social devem ser buscados com determinação e abertura ao diálogo. Os episódios de instabilidade na região têm sido resolvidos com respeito às instituições. Sempre que chamado, e na medida de nossas possibilidades, o Brasil tem
- 165 contribuído para a superação de crises que ameaçam a ordem constitucional e a estabilidade de países amigos. Não acreditamos na interferência em assuntos internos de outros países, mas tampouco nos refugiamos na omissão e na indiferença diante de problemas que afetam nossos vizinhos.
- 170 O Brasil está empenhado na construção de uma América do Sul politicamente estável, próspera e unida, a partir do fortalecimento do Mercosul e de uma relação estratégica com a Argentina. O surgimento de uma verdadeira Comunidade Sul-Americana de Nações já não é um sonho distante graças à ação decidida no que se refere à
- 175 integração física, econômica, comercial, social e cultural. O Brasil tem atuado nas negociações comerciais multilaterais para alcançar acordos justos e equitativos. Na última reunião da Organização Mundial do Comércio, deu-se um grande passo para a eliminação de restrições abusivas que prejudicam os países em desenvolvimento.
- 180 A articulação de países da África, América Latina e Ásia no G-20 foi decisiva para manter a Rodada Doha na trilha da liberalização do comércio com justiça social. O sucesso de Doha representa a possibilidade de livrar da pobreza mais de 500 milhões de pessoas.
- 185 É fundamental continuar desenhando uma nova geografia econômica e comercial, que, preservando as vitais relações com os países desenvolvidos, crie sólidas pontes entre os países do Sul, que por muito tempo permanecem isolados uns dos outros. Senhoras e senhores,
- 190 O Brasil está comprometido com o êxito do Regime Internacional sobre Mudança do Clima. Estamos engajados no desenvolvimento de energias renováveis. Por isso, seguiremos trabalhando ativamente pela entrada em vigor do Protocolo de Quioto. A América do Sul responde por cerca de 50% da biodiversidade mundial.
- 195 Defendemos o combate à biopirataria e à negociação de um regime internacional de repartição dos benefícios resultantes do acesso a recursos genéticos e conhecimentos tradicionais. Senhoras e senhores, Reitero o que disse no ano passado desta tribuna: uma ordem
- 200 internacional fundada no multilateralismo é a única capaz de promover a paz e o desenvolvimento sustentável das nações. Ela deve assentar-se sobre o diálogo construtivo entre diferentes culturas e visões de mundo. Nenhum organismo pode substituir as Nações Unidas na missão de
- 205 assegurar ao mundo convergência em torno de objetivos comuns. Só o Conselho de Segurança pode conferir legitimidade às ações no campo da paz e da segurança internacionais. Mas sua composição deve

- adequar-se à realidade de hoje, e não perpetuar aquela do pós-Segunda Guerra ou da Guerra Fria.
- 210 Qualquer reforma que se limite a uma nova roupagem para a atual estrutura, sem aumentar o número de membros permanentes é, com certeza, insuficiente.
As dificuldades inerentes a todo processo de reforma não devem fazer com que percamos de vista a urgência das mudanças.
- 215 Senhoras e senhores,
Não haverá segurança nem estabilidade no mundo enquanto não construirmos uma ordem mais justa e mais democrática.
A comunidade das nações precisa dar resposta clara e inequívoca a esse desafio. Haveremos de encontrá-la nas sábias palavras do profeta Isaías:
- 220 'A paz só virá como fruto da Justiça'.
Muito obrigado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B.B.; CIULLA, A. (org.) *Clássicos da Linguística 1. Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 53-84.
- BALLY, C. *Traité de stylistique française*. 3 ed. Paris-Genebra: KlincksieckGeorg, 1951.
- BLACK, M. Metaphor. In: BLACK, M. (org.) *Models and metaphor*. New York: Cornell University Press, 1962.
- BOUSOÑO, C. *Teoría de la expresión poética*. 5 ed. Madri: Gredos, 1970.
- CAMERON, L. *Metaphor in educational discourse*. London: Continuum, 2003.
- CHARTERIS-BLACK. *Politicians and Rhetoric: the Persuasive Power of Metaphor*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.
- GIBBS, R. W. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In: GIBBS, R. W.; STEEN, G. (ed.) *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999, p. 145-166.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- _____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I., V.; MORATO, E. M.; BENTES A. C. (org.) *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-52.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *DELTA*, 14, número especial, p. 169-190. São Paulo:EDUC, 1988.
- KÖVECSÉS, Z. *Metaphor and culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. [1980] *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- _____. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: CUP, 1993, p.202-252.
- _____. Metaphors we live by. In: POTTER, Jonathan (org). *Representing Reality: Discourse, Rhetoric and Social Construction*. London: Sage Publications Ltd., 2003, p.124-132.
- MONDADA, L. Gestion du Topic e organization de la conversation. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 41, p. 7-36, 2001.
- _____. Cognition et parole-en-interaction. *Veredas*. Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 9-27, 2002.
- _____. L'exploitation située de ressources langagières et multimodales dans la conception collective d'une exposition. In: LAURENT, F.; BRONCKART, J. P. (org). *L'Analyse des actions et des discours en situation de travail: concepts, methods et applications*. Louvain-la-Neuve: Peers, 2005a, p. 135-154.
- _____. A Referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I., V.; MORATO, E. M.; BENTES A. C. (org.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005b, p. 11-31.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B.B.; CIULLA, A. (org.). *Clássicos da Linguística 1. Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. (1958). *Tratado da argumentação*. A Nova Retórica. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- RICOUER, P. (1975). *A metáfora viva*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- SARDINHA, T. B. Metáforas de Lula e Alckmin nos debates de 2006 em uma perspectiva da Linguística de Corpus. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. v. 7. n.2, p. 139-164. UFMG, 2007a.
- _____. Lula e a metáfora da conquista. *Linguagem em (Dis)curso*. v. 8. n.1, p.93-120. Universidade do Sul, 2007b.
- _____. *A metáfora*. São Paulo: Parábola, 2008.
- ULLMANN, S. *Lenguaje y estilo*. Madri: Aguilar, 1973.